

**IDENTIDADE CULTURAL E ORALIDADE NA CONSTRUÇÃO
DA NARRATIVA HISTÓRICA DE UMA INSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA**

MAGALHÃES, Maria Carmem Côrtes*

ALVES, Vicente Paulo*

OLIVEIRA, Sheila da Costa¹

“No início era o verbo, e o verbo se fez carne...”

João, I: 1

Introdução

No início eram encontros e conversas. O sonho, apenas delineado nas mentes de um grupo de pessoas, em momentos de inspiração, movido pelo espírito ecumênico e do desejo de União, sustentou a criação de uma entidade civil que seria a mantenedora da futura Universidade Católica de Brasília. Diretores de colégios católicos de Brasília, interessados e pertencentes a tradicionais congregações religiosas, reuniam-se formal e informalmente para conversar, até chegarem às ações legais que deram vida e identidade à atual Universidade Católica de Brasília - UCB, mantida pela União Brasiliense de Educação e Cultura – UBEC, constituída por representações de 10 Províncias Religiosas que somaram suas forças e experiências, realizando uma obra talvez inédita na América latina e quiçá do mundo: a de construir, em Brasília, uma instituição de ensino superior, católica, particular e de qualidade.

Dessa forma, o poder do verbo humano, da palavra, da conversa, da interlocução, manifesta-se nessa origem como forma criadora. E, pela própria natureza dos envolvidos, essa criação coletiva traz a marca de uma cultura religiosa e social que se espelha na sua constituição interna. Por sua vez, essa constituição interna se reconstrói diariamente, embora mantenha bases sólidas, pelo pensamento, pela fala, pela ação e pelas omissões dos sujeitos que nela se movimentam. As crenças, desejos, expectativas, declarações e silêncios dos estudantes, funcionários, professores, gestores e visitantes da UBEC/UCB continuam, ontem,

1 Professores doutores e pesquisadores da Universidade Católica de Brasília (UCB).

hoje e sempre, movimentando o cenário e produzindo, par a par com o concreto, seus efeitos invisíveis.

Contudo, toda essa riqueza deixa de fornecer elementos de reflexão quando simplesmente “passa”, sem que haja instrumentos adequados de registro que possibilitem o exame posterior, e essa inconsciência faz com que a “história de todos” se transforme, de alguma maneira, na “história de alguns” ou em “história de ninguém”, por perder sua visibilidade e, em conseqüência, seu potencial de conduzir à metanarrativa, compreensiva e redirecionadora dos eixos da prática cotidiana.

Para garantir que a história dessas instituições agregue também as histórias dos sujeitos que as compõem, foi criado o projeto Memória e História UBEC-UCB, que procura investigar as instituições “União Brasileira de Educação e Cultura” (UBEC) e “Universidade Católica de Brasília” (UCB), como centros culturais criadores de identidades individuais e coletivas, contexto no qual a oralidade desempenha um papel fundamental. Tais organizações são centros de geração, de expressão e de difusão de cultura que possuem bases teóricas na história oral e na história organizacional, e por isso mantêm uma base de pesquisa documental impressa e também de depoimentos orais, os quais se complementam.

A idéia de história que queremos aqui realçar passa pela argumentação de que “história” é a própria realização humana (a vivência, a vida vivida, o cotidiano) e pelo entendimento de que é também uma produção de conhecimentos que compreende narração, interpretação, representação e demais construções de saberes sobre a realidade material, a realidade simbólica e a realidade imaginária. No dizer de Benjamin, (1993:233) “(...) O cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história (...)”.

Saberes cientificamente determinados precisam também compor o cenário desse gênero de pesquisa, já que os métodos se confrontam, as técnicas se pronunciam e as teorias apresentam e testam hipóteses, eliminando e revendo procedimentos e procurando estabelecer uma relação dialógica entre conceitos básicos autoconfirmadores e as evidências ou fatos que se quer representar. A esse respeito, assim se expressa Certau (1982:119): “(...) Escrever história é gerar um passado, circunscrevê-lo, organizar o material heterogêneo dos fatos para construir, no presente, uma razão (...). É necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente (...)”. A “escrita da história”, pois, é o conhecimento se manifestando diante de qualquer realidade vivida pelo homem no tempo e espaço.

Assim, escrever a história da Universidade Católica de Brasília (UCB) e de sua Mantenedora, a União Brasileira de Educação e Cultura (UBEC) é identificar, numa relação presente/passado, os acontecimentos que permitiram a edificação material e ideológica dessas instituições. É encontrar os vestígios que marcaram o cotidiano e os momentos de ação dos sujeitos que, do plano do ideal, saíram em campo aberto para a concretização do real, já que ideal e real são faces de uma mesma moeda. É também proceder à reconstrução

da mentalidade acadêmica inscrita nas mais diferentes expressões de linguagem falada, escrita e através de imagens significadas em áudio, vídeos, fotografias e demais recursos da tecnologia de comunicação.

Queremos escrever essas memórias a partir do olhar da história como “um campo de possibilidades”, pois

“(…) a explicação histórica não revela como a história deveria ter se processado, mas porque se processou dessa maneira, e não de outra; que o processo não é arbitrário, mas tem sua própria regularidade e racionalidade; que certos tipos de acontecimentos (políticos, econômicos, culturais) relacionaram-se, não de qualquer maneira que nos fosse agradável, mas de maneiras particulares e dentro de determinados **campos de possibilidades**; que certas formações sociais não obedecem a uma “lei”, nem são os “efeitos” de um teorema estrutural estático, mas se caracterizam por determinadas relações e por uma lógica particular de processo (...)”. (THOMPSON, 1981:61)

Isso significa entender as experiências humanas contraditórias, sem sentido único, linear, homogêneo e nem com um único significado; é ampliar percepções a respeito de qual “realidade” se está falando, sobre qual aspecto cultural que move ou moveu tal acontecimento; considerar a presença e influência da mídia no fato; perceber a dimensão psicológica (subjetividades, emoções, afetividades, sentimentos) nas identidades individuais e coletivas; identificar os aspectos políticos locais e nacionais que influem nas decisões de grupo e muitos outros aspectos que são encontrados no decorrer de um processo de investigação. Esta poderá ser uma proposta teórica que norteará um escrever da história da Universidade Católica de Brasília (UCB) e da União Brasileira de Educação e Cultura (UBEC), considerando perspectivas de agora, de hoje e também do passado.

Estaros atentos igualmente ao princípio de que a memória tem função decisiva no processo psicológico total, sendo a base de toda a atividade psíquica do ser, é outro aspecto norteador de nosso trabalho, pois muitos dos fundadores da UBEC e UCB estão presentes, ainda hoje, na condução dos rumos e atividades de ambas as instituições. Sabemos que memória permite a relação do “corpo presente” com o passado, que vem à tona quando, de alguma maneira, aquela é acionada e mistura-se às percepções imediatas, empurrando, deslocando e ocupando o espaço da consciência. Memória é, então, a capacidade de reter ou conservar o acontecido, expresso através da ação e manifestações simbólicas em geral; é a capacidade de registro de toda a realização humana. Assim, o passado, de alguma maneira, se mantém e, por isso, a necessidade de preservarmos em “lugares sociais”, e não apenas na interioridade dos indivíduos, o acervo de experiências já vividas pelos grupos de pessoas que formaram e formam a Universidade Católica de Brasília e sua Mantenedora.

Dessa forma, a escrita da história desta Universidade, desde a época de sua idealização (1972) até os dias de hoje, é o ideal que, no agora, um grupo de professores pesquisadores pretende concretizar, tendo este projeto como ação primordial.

Identidade cultural e oralidade na construção da narrativa histórica

Uma proposta de defesa da preservação da memória de um povo e de suas instituições é fundamental para a construção do saber e para a reconstrução de conhecimentos, já que estes são baseados em experiências realizadas no passado. Dessa forma, entender o tempo como uma realidade dinâmica é perceber que podemos construir um agora mais seguro, de modo que se evitem erros e se potencializem os acertos, à luz das práticas humanas, nas trajetórias da vida. No entender de Campetti (*apud* BRASIL, 1999), o esquecimento conduz à ignorância, e esta conduz ao erro, o que torna fundamental, para a sobrevivência de uma organização, a preservação de sua história e a divulgação de seus elementos constituintes, de modo a favorecer a reflexão e o aprendizado a partir dessas informações. Por isso, levantamos a questão conceitual de “tempo” como mais uma teoria a ser utilizada, revendo os escritos de Fernand Braudel e outros que discutem noções de fatos, acontecimentos, datas, “tempo da memória”, lembranças, consciente, inconsciente etc. Para Braudel (1972:17), “(...) esses períodos cronológicos não têm, claro, um valor absoluto (...)” embora sirvam para categorizar e contextualizar ações, omissões e efeitos.

A História sempre esteve ligada à oralidade e, somente depois dos primeiros vestígios impressos, ainda que de forma não convencional (desenhos e pinturas rupestres) alterações de formas naturais, (manufatura de vegetais, minerais e resíduos animais, como ossos e peles), atrelou-se à forma concreta, escrita e/ou circunscrita a um objeto visível. Contudo, após o surgimento e o crescente desenvolvimento dessas formas de registro, a construção histórica aparentemente sofreu uma vinculação mais profunda com os modos impressos, o que levou a uma também aparente “desimportância” dos modos orais, considerados por muitos, durante algum tempo, como ferramentas próprias das culturas primitivas não letradas (OLSEN, 1998). O Projeto atualmente em desenvolvimento busca, então, retirar da oralidade esse estereótipo, reposicionando-a no contexto da análise como “ferramenta primitiva”, sim, mas no sentido de que é um dos modos originais de expressão humana, através da qual o ser humano se constitui e reconstitui pelo uso da linguagem articulada.

Devido a esse foco, a documentação escrita é constantemente cotejada com a base audiovisual já existente, e que passa por constantes atualizações, para garantir que a “história de hoje” não fique ausente da “história de ontem”, muitas vezes considerada, pelos atores leigos, como a “verdadeira história”. (OLSEN, 1998)

Há, no entanto, um grande desafio em construir uma memória organizacional a partir de documentos e depoimentos, pois encontramos algumas contradições entre a documentação primária e os depoimentos orais, entre a escrita histórica da universidade e os sujeitos históricos que atuam em seu processo de construção e expressam suas memórias. Dessa forma, foram dados alguns passos de criação, implantação e institucionalização do Projeto Memória e História UBEC-UCB, nesses últimos cinco anos, as quais culminaram na institucionalização do Projeto, inicialmente para um período de dois anos, por demonstração de interesse de ambas as instituições alvo da pesquisa (UBEC/UCB).

Atualmente, essa investigação utiliza como procedimentos básicos o estudo, a organização e a indexação de documentos impressos e audiovisuais, dos quais uma parte significativa é composta por entrevistas orais, pois escrever a história dessas instituições passa pela necessidade de reunir todo o tipo de documentação capaz de identificar a sua importância no contexto da realidade educacional e cultural de Brasília e do Brasil. Além da documentação impressa e visual, faz parte deste trabalho a recuperação da memória enquanto experiência vivida dos sujeitos que retêm, em suas próprias memórias, a história (e as histórias) da UBEC/UCB. Assim, fazer entrevista é proceder à reconstrução das experiências passadas e presentes, tornando-as referências reconhecidas e alternativas vivas para melhor compreender a história de agora da Universidade e de sua Mantenedora (DePHA-DF, 1996).

A importância dos depoimentos orais no contexto desse projeto está ligada à descrição da rotina de coleta das entrevistas, consolidação e publicação do texto final, já que o depoimento oral redimensiona a documentação escrita, sinalizando outros eventos que possam estar “escondidos” em lugares ainda não alcançados pela nossa percepção. O uso da história oral, nesse como em outros contextos, é uma rica possibilidade de informações, mesmo com seus desafios intrínsecos, suas dificuldades e a natureza peculiar de seus resultados, pois pode demonstrar o quanto o objeto histórico resulta de uma “elaboração” ou que a “história é sempre construção” (AMADO & FERREIRA, 1998). Além disso, existe uma complexidade na metodologia da história oral que se manifesta na coleta dos depoimentos, nas transcrições e nas narrativas (original, do depoente, e secundária, do entrevistador, após a consolidação), complexidade apenas resolvida pela abordagem multidisciplinar, na qual os diferentes sujeitos pesquisadores examinam o mesmo documento até sua consolidação final, agregando a ele os diferentes olhares interpretativos que fazem com que ele se revele em sua multidimensionalidade.

Outra questão que vamos privilegiar neste trabalho é o aspecto do valor do patrimônio ou a discussão sobre “patrimônio cultural” em que a Universidade está envolvida, pois esse patrimônio constitui o cenário físico e cultural onde os atores executam suas ações, vivenciam seus papéis, re-constroem cotidianamente a cultura. Dessa forma, serão estudados os seguintes aspectos: patrimônio com relação ao sítio ou espaço físico ocupado; com relação aos projetos arquitetônicos ligados ou não à própria arquitetura de Brasília; com

relação à sua função no campo específico do conhecimento, saber e técnicas, e tudo o que representa o meio ambiente do qual faz parte. Para isso, buscar-se-á: observar, no conjunto arquitetônico da UCB, as impressões causadas por ele, tais como durabilidade, estabilidade, poder, tradicionalismo, religiosidade; atentar para a projeção futurística delineada nas formas geométricas, na tecnologia expressa nos laboratórios de informática, nutrição, medicina, educação física, etc.; evidenciar que, ao mesmo tempo em que as edificações realçam o futuro, percebe-se um estilo clássico greco-romano, quando, no interior dos blocos, os “átrios” ou jardins internos destinam-se às reuniões e estados de convivência da comunidade acadêmica; e, finalmente, observar como esse cenário afeta a atuação dos sujeitos que nele circulam e agem, e de que forma essas presenças contribuem para a manutenção e/ou modificação deste mesmo cenário (NUNES, 2005). Esse estudo será realizado também por meio do cotejamento de depoimentos orais (enquetes com estudantes e demais atores desse cenário), bem como entrevistas completas com os projetistas.

Metodologia

Logo num primeiro momento, o trabalho está consistindo - e assim deve continuar concomitantemente às análises e consolidações - em ampla coleta, compilação e sistematização de informações contidas nos diversos documentos dos vários setores da Universidade e da UBEC. Com isso, queremos mostrar a dialética entre a mentalidade dos sujeitos históricos e os registros que se fizeram necessários para a viabilização institucional desses estabelecimentos de ensino. Para melhor reforçar nossa idéia, recorreremos a Laville & Dionne (1999) quando tratam das fontes impressas, nas quais se distinguem vários tipos de documentos, desde as publicações de organismos que definem orientações, enunciam políticas, expõem projetos, prestam conta de realizações, até documentos pessoais, diários íntimos, correspondências e outros escritos em que as pessoas contam suas experiências, descrevem suas emoções, expressam as percepções que têm de si mesmas, passando por diversos tipos de dossiês que se apresentam dados sobre a educação, a justiça, as relações de trabalho, as condições de trabalho, as condições econômicas etc., sem esquecer os artigos de jornais e periódicos nem as diversas publicações científicas: revistas, atas de congressos e colóquios.

O método histórico dialético é uma proposição que será trabalhada, neste Projeto, com a vertente documental e de oralidade., realizando uma recuperação de registros cartoriais, ofícios, relatórios, pareceres, correspondências, convênios, inquéritos, dossiês, portarias, resoluções, instruções, projetos, propostas de criação de cursos, estatutos, programas, atas, planos de aplicação, circulares, produções em áudio, vídeos, periódicos, eventos, solenidades, visitas internas e externas, etc. e mais todo o seu “dever” no contexto social, político e econômico da realidade brasileira. Concomitante à pesquisa documental, vamos proceder às entrevistas de pessoas-chave para a implantação, estruturação e desenvolvimento da UCB e da UBEC ao

longo do tempo. O método da história oral, sustentado em entrevistas e registros de encontros pessoais, pode reforçar a base documental recolhida e estabelecer confrontos. Importante realçar que é de nosso propósito usar a documentação como referência primária necessária à comprovação dos fatos e, que não faz parte desse Projeto uma “política de guarda” documental, já que isso é da competência do Arquivo Central UCB, muito embora a modificação da cultura com relação à memória e à história institucionais aqui proposta possa subsidiar ações de arquivologia e arquivística, com vistas à consolidação da base documental UBEC-UCB.

Além desta, é preciso considerar também a vertente mentalidade/cultura/sociedade ou a percepção da projeção das instituições pesquisadas no cômputo da realidade cultural brasileira, o que desdobramos nos seguintes aspectos:

1. Contextualização cultural/mental da época da organização das primeiras unidades acadêmicas da Faculdade (Le GOFF, 1990; BURKE, 1992 e LEFORT, 1990; DUBY, 1999).
2. Identificação dos ideais, do imaginário e da prática institucional na época da organização das instituições: ideário das congregações religiosas, dos sujeitos, da religião e da ação política interna e externa; procurar “aquilo” que fez a “diferença” no contexto da organização das instituições. (CERTAU, 1982; PALLARES-BURKE, 2000)
3. Identificação dos “interesses” das instituições formadoras do grupo organizador da Faculdade, das resistências a esses interesses, das estratégias de permanência e sustentação do espaço físico-social, bem como da definição de quais as “necessidades” em ocupar um espaço social em Brasília. (NASSAR, 2004)
4. Identificação e análise dos princípios filosóficos norteadores – congregações religiosas, entidades leigas, entidades eclesiásticas, entidades públicas, a pessoa e o grupo. (CERTAU, 1982; DUBY, 1999; BRESCIANI & NAXARA, 2004)
5. Estudo da formação e da construção do Campus em Taguatinga, estabelecendo sua relação com a história de Taguatinga, identificando as questões práticas com relação a este local ou espaço e fazendo a análise do discurso arquitetônico do Campus I. Além deste vamos contextualizar os dois outros campi que têm sua historicidade na realidade do Plano Piloto de Brasília.
6. Explicitação das relações existentes entre a história particular da instituição, a história de Brasília e a história do Brasil.
7. Retomada, através da oralidade e da narração, de particularidades que os sujeitos envolvidos trazem registradas na memória individual e coletiva. Contatos com dirigentes e demais funcionários da

Instituição para que se identifiquem os setores, as secretarias, os departamentos, enfim, os “lugares” de realização desta academia, procurando localizar a documentação que confirma a sua existência. Estabelecimento de conversas e entrevistas com as pessoas envolvidas no plano organizacional da Instituição, identificando setores administrativos e as respectivas fontes documentais. Os documentos reunidos durante esse processo deverão ser tecnicamente trabalhados², levando-se em conta uma documentação presente/passado³.

8. Composição de uma equipe de estagiários de diferentes áreas, tais como do curso de Comunicação Social, pela necessidade de entrevistas e transcrições de registros audiovisuais; Arquivologia e Gestão de Informação, devido ao “backup” de documentos variados; História, para análise, classificação e inserção desses documentos em futuros produtos gerados pela pesquisa; Letras, pela necessidade de revisão dos textos produzidos durante o tempo de vigência do projeto; Ciência da Computação/Informação, devido à necessidade de criação e gerenciamento de espaços virtuais de armazenamento e visualização de documentos. Esses estagiários poderão trabalhar sob a rubrica de Iniciação Científica; remuneradamente, caso haja condições para tal, ou voluntariamente, com certificação do número de horas trabalhadas e discriminação das tarefas realizadas, para fim de registro em currículo. Além disso, seis alunos de Graduação em Iniciação Científica - a serem indicados pelos professores pesquisadores, após definição de critérios pertinentes às responsabilidades para com a pesquisa: aluno de Comunicação Social, de Relações Internacionais, de Filosofia, de Informática. Essa equipe discente será orientada em procedimentos de pesquisa acadêmico-científica, possibilitando que o projeto propicie, concomitantemente à geração de seus produtos internos, melhoria na formação acadêmica do público-alvo do trabalho da instituição – os alunos.

Assim fazendo, existem chances maiores de que “(...) Essas manifestações tornam-se objeto do historiador através de vestígios e registros que aparecem também sob as mais variadas formas como escritos, objetos, palavras música, literatura, pintura, arquitetura, fotografia.” (KHOURY et. AL.1999: 12). O que estamos dizendo é que o processo de construção história se faz em meio à vida vivida das pessoas. Um complexo de vias e desvios que se conjugam e que se entrecruzam formando encruzilhadas para novos caminhos. O homem faz e desfaz, cabendo ao homem-historiador a arte de garimpar e utilizar todas as preciosidades, mesmo aquelas que parecem nada representar.

2 Entenda-se a expressão “tecnicamente trabalhado” como: identificação, indexação, arquivamento adequado, conservação, indicação de modos de consulta mais apropriados a cada modalidade documental, incluindo, também, aspectos de segurança em arquivística, o que envolve profissionais da área específica.

3 “Levar em conta uma documentação presente/passado” deve ser entendido como utilizar documentos atuais para remontar a ações/mentalidades/filosofias passadas, as quais sustentam as instituições no presente.

Resultados Esperados

Sempre que há ação, espera-se por resultados. Contudo, a natureza desses resultados pode variar bastante, o que quase sempre ocorre. Diretamente vinculados ao presente Projeto, esperamos como primeiros resultados:

a) Contribuir para a melhor percepção/definição do perfil atual das instituições pesquisadas, propiciando-lhes informações necessárias à sua sustentabilidade e projeção de rumos futuros, considerando os contextos locais, regionais e nacionais em que atuam;

b) Modificar a maneira como os sujeitos se vêem na UBEC/UCB, ajudando-os a perceber o grau de responsabilidade e influência de si mesmos no processo de construção histórica das instituições pesquisadas;

c) Criar procedimentos específicos de preservação da memória da UBEC/UCB, tais como as publicações impressas e virtuais, os arquivos convencionais e eletrônicos e quaisquer outros que se mostrarem viáveis e pertinentes.

Como resultado de fundo, perpassando todas as ações, esperamos contribuir para a criação de uma cultura da memória e das histórias pessoal e institucional como possibilidades de autopoiese e auto-reflexão individuais e coletivas.

Considerações finais

É muito importante ressaltar que há uma correlação entre a cultura e a identidade organizacional. Correlação que se manifesta, a um só tempo, como perspectiva, já que identidade e cultura, conquanto tenham bases mais ou menos permanentes, modificam-se constantemente, sob as múltiplas influências internas e externas; e também como desafio, pois encontrar os limites entre ambas – identidade e cultura – é lançar-se, por assim dizer, em “zona escura”, já que a história se faz no processo interativo complexo entre causas e efeitos, como geradores e gerados se si mesmos e de uns para os outros (MORIN, 2003). Tais desafios fazem parte da experiência de pesquisa multidisciplinar, e a execução desse trabalho obedecerá a uma postura dinâmica e aberta, de maneira a tornar a sua prática uma realidade viva, à medida que as conquistas se fizerem presentes e o próprio trabalho abrir condições para novos e imediatos comportamentos, pois o resultado se faz, antes de tudo, na própria *praxis*.

Ao par desses desafios existe outro, paralelo e diretamente ligado aos sujeitos (atuais e futuros) escreventes dessa história institucional: o de observar e documentar um contexto no qual estão imersos, convivendo sincronamente com muitos dos sujeitos pesquisados e com os fatos por eles gerados. Ser, a um só tempo, observador e observado, sujeito histórico e relator da história coloca o historiador em confronto permanente com suas próprias crenças, atitudes, contradições, presentes em toda construção humana (Amorim, 2001). Para vencer os impedimentos característicos desse paradoxo, apenas um olhar dialógico e

multidisciplinar pode contribuir, pois, pelo cotejamento das diferentes percepções dos profissionais envolvidos na pesquisa, pode-se garantir em níveis aceitáveis a isenção pessoal que possibilita o exame e o registro científico das situações, fatos e personagens que constroem uma instituição. A construção/sustentação da visão de futuro que a pesquisa se propõe a propiciar sofre a influência direta dessas observações implicadas, as quais precisam, por sua vez, sofrer a reflexão constante para serem validadas ao longo do processo de coleta, consolidação e análise dos dados e informações.

Por fim, a equipe de pesquisadores agora envolvida neste trabalho de pesquisa também espera que, ao final do tempo de vigência deste projeto como ação institucional, as ações desenvolvidas durante este período tenham contribuído para criar uma base conceitual e procedimental de reconhecimento e respeito às questões da memória e da história institucionais, de maneira que esse trabalho de preservação documental se torne sistemático, visível a todos os colaboradores de ambas as instituições, e estabelecido como meta permanente para todos os setores. Dessa forma, espera-se que a base documental da memória e história UBEC-UCB se torne cada vez mais sólida e consistente, e que possa ser utilizada em ações reflexivas e redirecionamento de rumos, ou seja, que sirva como uma “história para aprender”, já que ensino e aprendizagem constituem o foco principal de uma universidade.

Referências

- AMORIM, Marília. **O pesquisador e o seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo, Musa Editora: 2001.
- BELOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 5a Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Secretaria de Documentação e Informação. **Projeto Memória da Justiça Eleitoral Brasileira**. Brasília, 1999.
- BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. Lisboa: Editorial Presença. 1972.
- BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e res-sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2004.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMPETTI SOBRINHO, Geraldo. **Normatização técnica e acesso à informação**. Brasília, 2000 (Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências da Informação e Documentação da UnB – defendida em 28/06/2000).

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHRISTIAN, Laville & DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p.165-168.

DePHA – Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF. **Projeto Abrigos da Memória no Paranoá**. Brasília, 1996.

DUBY, Georges. **Para uma história das mentalidades**. Lisboa: Terramar, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs). **Usos & abusos da história oral**.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990. _____. **A história nova**, S. Paulo: Martins Fontes, 1990.

KHOURY, Iara Maria Aun et. al outros. **A pesquisa em história**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LEFORT, Claude. **As formas da história**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LEMOS, Carlos A.C. **O que é patrimônio histórico**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MAGALHÃES, Nancy Aléssio e NUNES, J. Walter. “Cidadão, Cidadãos: Interação de Saberes e Diferenças”. In: **O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação**. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPRON, 1996.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NASSAR, Paulo (org.). **Memória de empresa: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações**. São Paulo: Aberje, 2004.

NUNES, J. Walter, **Campo e cidade na memória popular: Guarantã do Norte/MT 1901-1990** – Dissertação de Mestrado em História Social, apresentada ao Departamento de História da FFLCH-USP. São Paulo: 1993.

OLSEN, J. **O mundo no papel**. São Paulo: Ática, 1997.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história. Nove entrevistas**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.